

**Empresas rurais: importância da preservação ambiental frente ao desenvolvimento econômico**

**Rural companies: the importance of environmental preservation in front of economic development**

**Empresas rurales: la importancia de la conservación ambiental frente al desarrollo económico**

Recebido: 04/03/2020 | Revisado: 09/03/2020 | Aceito: 14/03/2020 | Publicado: 21/03/2020

**Thâmara Gomes Passos Rocha Melo**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4661-9728>

Faculdades Integradas de Patos, Brasil

E-mail: [tgprmel@hotmail.com](mailto:tgprmel@hotmail.com)

**Osires de Medeiros Melo Neto**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2535-0969>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: [osiresdemedeiros@gmail.com](mailto:osiresdemedeiros@gmail.com)

**Gustavo Correia Basto da Silva**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6081-2540>

Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

E-mail: [gugacorreiaa@gmail.com](mailto:gugacorreiaa@gmail.com)

**Marana Sotero de Sousa**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5441-8651>

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

E-mail: [maranasousa@fiponline.edu.br](mailto:maranasousa@fiponline.edu.br)

**Resumo**

O presente estudo trata da análise das empresas rurais evidenciando a importância da preservação ambiental frente ao desenvolvimento econômico. O objetivo consiste em analisar esse cenário de relevância ambiental em meio aos impactos negativos que possam ser causados com a utilização de tecnologias inovadoras e o manejo irresponsável dos recursos naturais,

buscando alternativas sustentáveis para mudar este cenário. Quanto a metodologia empregada, utiliza-se do método de abordagem dedutivo, dos métodos de procedimento interpretativo e dialético, e as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental. A presente pesquisa elucida uma agricultura alternativa em substituição a moderna, isto é, pautada em mecanismos que reduzam os impactos ao meio ambiente e se desenvolva economicamente. Em sequência, evidencia aplicação de gestão sustentável nas empresas rurais a fim de se tornarem empreendimentos sustentáveis. Tal aplicação é analisada com base na necessidade de práticas sustentáveis que promovam o desenvolvimento econômico e preservem o meio ambiente. Diante disso, firma a conclusão de que, com base na aplicação da sustentabilidade, as empresas rurais que se utilizam de mecanismo sustentáveis em seu processo de produção conseguem atender as demandas conservando o meio ambiente e ainda se desenvolvem economicamente, sendo passível sua aplicação nas empresas rurais.

**Palavras-chave:** Empresa Rural; Agricultura Sustentável; Desenvolvimento Econômico.

### **Abstract**

This study deals with the analysis of rural companies showing the importance of environmental preservation in the face of economic development. The objective is to analyze this scenario of environmental relevance amid the negative impacts that may be caused with the use of innovative technologies and the irresponsible management of natural resources, looking for sustainable alternatives to change this scenario. As for the methodology employed, it uses the deductive approach method, the methods of interpretive and dialectical procedure, and the techniques of bibliographic and documentary research. The present research elucidates an alternative agriculture to replace the modern one that is, based on mechanisms that reduce the impacts to the environment and develop economically. In sequence, it shows the application of sustainable management in rural companies in order to become sustainable enterprises. Such application is analyzed based on the need for sustainable practices that promote economic development and preserve the environment. Therefore, it concludes that, based on the application of sustainability, rural companies that use sustainable mechanisms in their production process are able to meet the demands while conserving the environment and still develop economically, being able to be applied in companies rural areas.

**Keywords:** Rural Company; Sustainable agriculture; Economic development.

## Resumen

Este estudio aborda el análisis de empresas rurales que muestran la importancia de la preservación del medio ambiente frente al desarrollo económico. El objetivo es analizar este escenario de relevancia ambiental en medio de los impactos negativos que pueden ocasionarse con el uso de tecnologías innovadoras y el manejo irresponsable de los recursos naturales, buscando alternativas sostenibles para cambiar este escenario. En cuanto a la metodología utilizada, utiliza el método de enfoque deductivo, los métodos de procedimiento interpretativo y dialéctico y las técnicas de investigación bibliográfica y documental. La presente investigación aclara una agricultura alternativa para reemplazar a la moderna, es decir, basada en mecanismos que reducen los impactos al medio ambiente y se desarrollan económicamente. En secuencia, muestra la aplicación de la gestión sostenible en las empresas rurales para convertirse en empresas sostenibles. Dicha aplicación se analiza en función de la necesidad de prácticas sostenibles que promuevan el desarrollo económico y preserven el medio ambiente. Por lo tanto, concluye que, basándose en la aplicación de la sostenibilidad, las empresas rurales que utilizan mecanismos sostenibles en su proceso de producción pueden satisfacer las demandas mientras conservan el medio ambiente y aún se desarrollan económicamente, pudiendo ser aplicadas en las empresas rurales.

**Palabras clave:** Empresa rural; Agricultura sostenible; Desarrollo económico.

## 1. Introdução

Ao longo do tempo, a atividade agrícola desempenhou importante papel no que diz respeito ao desenvolvimento econômico no País e no mundo. Tal afirmativa justifica-se com base no fato de que, por meio da tecnologia avançada, vislumbra-se a geração e movimentação de riquezas, como também um aumento significativo na produtividade. Em contrapartida, com a chamada agricultura moderna – aquela que se utiliza de ‘pacotes tecnológicos’, trouxe impactos negativos ao meio ambiente.

Com base nisso, a presente pesquisa versa sobre a análise da sustentabilidade como resposta ao desejo de crescimento econômico e progresso produtivo. Além disso, explanam-se as vantagens da aplicação sustentável tanto na agricultura como nas empresas rurais.

Sabe-se que, mediante esse cenário de preocupação com os impactos causados ao meio ambiente e ao uso irracional dos recursos naturais, a procura por mecanismos que de forma

simultânea consiga assistir as demandas de produção e reduzir os impactos ao um índice mínimo é indispensável. Isso porque a atividade agrícola e empresarial encontra-se em meio a um mercado competitivo, compreendido pelo avanço tecnológico e a necessidade de se preservar o meio ambiente para que este possa atender as necessidades das futuras gerações. Diante disso, surge a indagação se a aplicação da sustentabilidade nas empresas rurais é capaz de trazer desenvolvimento econômico ao setor rural e a própria agricultura ao mesmo tempo em que se preserva o meio ambiente.

Por essa razão, a pesquisa realizada, a partir do estudo e dos aspectos adotados, mostra a possibilidade de análise por parte de interessados na área, como estudantes, pesquisadores, juristas, e também, os próprios empresários sejam do setor rural ou não, que buscam se valer de mecanismos sustentáveis a fim de proteger o meio ambiente e se desenvolver de forma econômica. Portanto, é explanado exemplos de empresas pautadas na sustentabilidade que são diferenciais pelas práticas que se utilizam e por serem lucrativas.

Assim, o presente estudo busca analisar esse cenário de relevância ambiental em meio aos impactos negativos que possam ser causados com a utilização de tecnologias inovadoras e o manejo irresponsável dos recursos naturais, buscando alternativas sustentáveis para mudar este cenário.

## **2. Metodologia**

O presente trabalho trata da definição e surgimento da agricultura sustentável, suas vertentes e o agronegócio como provedor econômico do País, além do manejo sustentável que adota. Traz aplicação de gestão sustentável nas empresas, empreendedorismo sustentável e estes às empresas rurais, elucidando que ao aplicar gestão sustentável somado às práticas sustentáveis tornam as empresas provedoras econômicas e conservadoras do meio ambiente, sendo cabível as empresas rurais adotarem tais práticas.

Concernente aos procedimentos metodológicos adotados, o trabalho utiliza-se do método de abordagem dedutivo, vez que se parte da ideia geral de sustentabilidade agrícola empresarial, para apresentar o cenário de necessidade da aplicação sustentável na agricultura e nas empresas rurais que buscam destaque, utilizou-se também do método histórico, sendo necessário fazer um apanhado do surgimento da agricultura e da necessidade sustentável nas empresas. No que diz respeito aos métodos de procedimento, aplica-se o método dialético, pois os fatos em análise

não podem ser considerados fora do contexto social, pois envolvem situações ambientais, econômicas e também sociais. Outrossim, utiliza-se também o método interpretativo, por se tratar da interpretação de artigos, jurisprudências e da Constituição Federal de 1988. Por fim, têm-se como técnicas de pesquisa adotadas a bibliográfica e a documental, pois a pesquisa ocorre a partir de um material já elaborado e cuja revisão se dá com base em livros, teses, sites e artigos.

### **3. Resultados e Discussões**

Há a necessidade de um novo modelo de produção agrícola que não cause impactos consideráveis no meio ambiente como foi mostrado no capítulo anterior e será ratificado neste. Para isso, foram realizadas pesquisas sobre os benefícios da sustentabilidade agrícola, isto é, agricultura sustentável, como um modelo alternativo a agricultura convencional, moderna, a fim de reduzir a degradação ambiental e, ainda assim, gerar desenvolvimento econômico.

Sabe-se que no âmbito das modificações que se sucederam na sociedade, a agricultura é tida como um dos mais importantes movimentos na atual conjuntura social, fato esse que se explica com base na geração e movimentação de riquezas, modulação de culturas e costumes, provocadas pela produção de uma atividade agrícola. Logo, com base no modelo alternativo de agricultura sustentável, e em consonância com o desenvolvimento econômico, busca-se reduzir os impactos causados ao meio ambiente durante o processo de produção agrícola. Ademais, o referido modelo é de vital importância para uma produção que preserve o meio ambiente e ainda possa se desenvolver economicamente.

Nos anos 80, as circunstâncias começavam a se alterar, pois eram mais visíveis os impactos adversos causados por algumas práticas tradicionais. Para, além disso, possivelmente como uma tática involuntária, havia um empenho em propor novos limites e definições mais adotáveis nos meios produtivos, político, científico, que levassem a uma finalidade comum: a redução no manejo de agroquímicos. Nessa “tática”, insere-se também a ideia de sustentabilidade.

Notadamente, durante esta década, os abalos da agricultura moderna, a exemplo da dilapidação das florestas tropicais, das chuvas ácidas, da destruição da camada atmosférica de ozônio, do aquecimento global e o “efeito estufa”, tornavam-se conteúdos familiares para grande parte da opinião pública nos países desenvolvidos, fato esse que se explica com base na preocupação se os recursos naturais sustentariam o ritmo de crescimento econômico

firmado pelo industrialismo, ou mesmo se a humanidade resistiria aos frutos do chamado “desenvolvimento” (Ehlers, 1994).

A necessidade de inovações procedimentais na busca por respostas quanto a situação do meio ambiente na agricultura, tem incentivado o aparecimento de pensamentos distintos associados a notável necessidade de buscar maneiras mais sustentáveis de produtividade agrícola, que beneficiem a inserção da sociedade, o desenvolvimento econômico e ambiental. Com efeito, tem-se uma agricultura que se empenha para a diminuição permanente dos impactos ambientais e que corrobora a segurança e soberania alimentar do país, bem como restituir a autossuficiência dos agricultores (Altieri & Toledo, 2011; Caporal, 2009). Segundo Soares & Braga (1997), o progresso da agricultura passou pela inevitável inovação no que diz respeito à organização, necessitando ser focado na sustentabilidade, de maneira que possa examinar o que é viável de forma econômica e eficaz, como o equilíbrio ambiental e social equânime.

No Brasil, o contexto agricultura “autossustentável” foi estabelecido conforme Flores et al., (1991) como uma solução aos problemas ambientais resultantes das conhecidas “tecnologias modernas”, composta por uma sequência de alternativas examinadas e reconhecidas. Conforme os autores:

A ideia central é a do uso de tecnologias adequadas às condições do ambiente regional e mesmo locais, e da previsão e prevenção dos impactos negativos, sejam eles sociais econômicos e ambientais. (...) O objetivo final é a garantia de que os agroecossistemas sejam produtivos e rentáveis ao longo do tempo, conseguindo para tanto uma certa estabilidade dos fatores de produção, os quais nem sempre são facilmente manejáveis, pois são influenciados pelo mercado, por aspectos sociais e culturais e pelas condições climáticas características de cada realidade regional” (Flores et al., 1991, p.3).

Como dito, na visão dos autores, apesar das adversidades de conciliar a produção elevada e a conservação dos recursos naturais, este deverá ser, a direção a ser seguida pela agricultura sustentável.

Em suma, como um mecanismo que provavelmente seja viável economicamente, a agricultura ecológica, ou sustentável, utiliza técnicas temporais e saberes práticos de povos rurais, com a inserção de inovações tecnológicas, eficientes e não degradáveis ao meio ambiente. Essa técnica aperfeiçoa o qualitativo de vida do agricultor e de seus familiares, igualmente da população que reside nas cidades, tendo em vista que são produzidos alimentos

sem contaminantes e que protegem o meio ambiente de agressões. Assim, com a permuta de insumos sintéticos por mercadorias naturais aproxima-se a diminuição dos custos quanto a produção, criando mais empregos e contribuindo para a fixação do homem na plantação.

A utilização de práticas na agricultura sustentável almeja estimular uniformemente inteiros recursos disponibilizados no setor de produção, com suporte na recuperação de nutrientes e máxima utilização de insumos orgânicos originados in loco. Além da busca pela diminuição do impacto ambiental e da degradação; fugir do maquinário maciço; usar, quando realmente for preciso, tratores suaves, lavoura leve ou cultivo direto que aperfeiçoem a produção; amenizar a necessidade das matérias primas; melhorar a oscilação energética da produtividade; fabricar alimentos com baixo custo e grande capacidade biológica.

Na década de 20 surgiram, quase conjuntamente, alguns movimentos divergentes à adubação química que apreciavam o uso das matérias orgânicas e de outras técnicas culturais apropriadas aos processos biológicos. Esses movimentos podem ser unidos em quatro vertentes. Na Europa tem-se: a agricultura biodinâmica, iniciada por Rudolf Steiner em 1924, a agricultura orgânica, cuja os conceitos foram fundamentados entre os anos de 1925 e 1930 pelo pesquisador inglês Sir Albert Howard e difundidos, na década de 40, por Jerome Irving Rodale nos E.U.A e a agricultura biológica, inspirada nas ideias do suíço Hans Peter Muller e mais tarde anunciada na França por Claude Aubert. A outra vertente, a agricultura natural, surgiu no Japão a partir de 1935 e baseava-se nas ideias de Mokiti Okada (Ehlers, 1994).

No ano de 1924, Rudolf Steiner, filósofo austríaco (1861-1925), pronunciou na Fazenda Koberwitz, próxima a Breslau (atual Polônia), uma rodada de oito conferências sobre agricultura. O assunto desta rodada deu origem a um método de produção que, posteriormente, seria intitulado: agricultura biodinâmica. Velozmente, a biodinâmica ampliou-se por vários países da Europa e dos EUA, mas foi na Suíça e na Alemanha que ganhou maior atenção, tornando-se uma das importantes vertentes discordantes do modelo convencional (Koepf et al, 1983).

A meta fundamental do movimento biodinâmico é a propagação da ideia de que a propriedade agrícola deve ser compreendida como um organismo. Para Koepf, é duro conceituar em poucas palavras o que é a agricultura biodinâmica mas pode-se informar que a atividade agrícola “alcança sua verdadeira essência, na melhor acepção da palavra, quando pode ser compreendida como uma espécie de individualidade por si” (...) e cada fazenda deveria, em tese, aproximar-se desta condição” (Koepf et al, 1983).

Koepf et al. (1983) ainda afirmam que as propriedades dirigidas por esse processo adotam as seguintes técnicas: a relação entre a produção animal e a produção vegetal; o respeito ao

calendário biodinâmico, que aponta as melhores etapas astrológicas para a semeadura e demais ofícios agrícolas; o manejo de preparados biodinâmicos, compostos líquidos criados a partir de substâncias minerais, vegetais e animais, que pretendem reativar as forças vitais da natureza; e por fim,

a obtenção do composto, plantação de cercas-vivas e outras medidas paisagísticas, aproveitamento máximo das leguminosas, inclusive em culturas mistas com cereais, adubação verde, cultivo de ervas e seu emprego na forragem, culturas de bordadura e vizinhança, proteção das aves, culturas pioneiras nas terras pobres, culturas secundárias ou de inverno, estabulação sadia, concentrados de produção própria mediante secagem de plantas forrageiras tenras por ar quente, reflorestamento nos moldes naturais, e diversas práticas relativas a campos e postagens (Koeppf et al, 1983).

O sistema biodinâmico visa em sua essência mostrar que a propriedade agrícola é na verdade um organismo que necessita aplicar métodos na produção animal e vegetal a partir de compostos voltados a sustentabilidade com a intenção de que sejam reativados os potenciais da natureza.

No princípio dos anos 30, o político suíço Hans Peter Muller difundia as bases do método organo-biológico de produção agrícola. As concepções econômicas e sócio-políticas eram o pilar da ideia de Muller que se preocupava, por exemplo, com a independência dos produtos e com as técnicas de comércio direto aos consumidores. Suas propostas permaneceram potentes em média por três décadas até que, nos anos 60, o médico alemão Hans Peter Rush, interessado nos vínculos entre dieta alimentar e saúde humana, organizou e difundiu as propostas de Muller (Bockman et al, 1990; Silguy, 1991).

A fertilização dos solos não elimina a adubação mineral, mas sua base deve ser orgânica. Aubert (1981) discorre que a adubação orgânica, unida aos fosfatos naturais, basaltos e rochas calcárias, oferecem às plantas uma nutrição mais equilibrada que os adubos químicos, especialmente porque esses materiais introduzem ao solo oligoelementos, por exemplo, ferro, manganês, cobre, zinco, boro, molibdênio, cloro, cobalto, importantes à saúde das plantas e dos animais. Quanto ao manuseio dos solos, deve-se ter como objetivo proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento e manutenção de sua microbiota. A fusão dessas práticas, além da rotação de culturas, propicia o crescimento de plantas mais saudias e mais resistentes às pragas reduzindo a necessidade do uso de agrotóxicos (Aubert, 1981).

A agricultura biológica é vista como uma continuidade da biodinâmica, contudo, o enfoque da biológica é a saúde das plantas, visto que seus nutrientes são essenciais aos alimentos e por isso, pauta-se também na preservação dos solos por ser responsável pela fertilidade e rotação de culturas.

Em 1935, Mokiti Okada criou a Igreja Messiânica Mundial que tem como um dos seus fundamentos a chamada agricultura natural. A convicção principal deste argumento é o de que as atividades agrícolas devem se submeter as leis da natureza. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, a agricultura natural dispersou-se pelo Japão e por outros países do ocidente tornando-se uma das principais vertentes alternativas (Ehlers, 1994).

As técnicas agrícolas mais indicadas pela agricultura natural são as seguintes: rotação de culturas, uso de adubos verdes, emprego de compostos e uso de cobertura morta (restos vegetais) sobre o solo. No tocante ao controle de pragas e doenças, sugere-se a conservação das características naturais do ambiente, a melhoria das condições dos solos, e, com isso, da condição nutricional dos vegetais, o uso de inimigos naturais de pragas e, em último caso, a aplicação de produtos naturais não poluentes (Eiyasaka, 1993).

No Brasil, o empenho com o tema meio ambiente revela pelos exercícios na aplicação sustentável da biodiversidade a geração de conhecimento, por meio de trabalhos na área empresarial e apoio de populações locais. Algumas práticas e planos desenvolvidos na reciclagem dos recursos naturais visam transmitir aprendizados, ideias e despertar a atenção das populações, sem reservas florestais, sobre os assuntos relacionados à preservação ambiental e firmar as relações da sociedade com o meio ambiente por meio de exercícios produtivos sustentáveis, pois esta ideia de característica diferenciada tem proporcionado acrescentar valor econômico ao produto orgânico, natural. Muitos trabalhos almejam, ainda, a continuidade ou a recuperação das condições ambientais favoráveis aos trabalhos, como por exemplo: a transparência do ar, defesa de nascentes e cursos d'água, e a restauração de habitat para os animais terem vida.

O agronegócio é de suma importância para a parte financeira do país, mostra um aumento advindo dessa atividade, em tal grau na agrícola como na pecuária, se referindo ao mercado internacional, os produtos agrícolas nacionais estão dentre os primeiros que exportam do mundo, a exemplo de mercado de carnes com ênfase na bovina, suco de laranja e soja, conservando o equilíbrio do comércio em alta durante a maior parte do ano. Assim, Ulrich (2009, p.10) declara que:

O Agronegócio brasileiro tem grande importância na balança comercial, participando com mais de 40% da pauta de exportação e sendo altamente superavitário, de modo a contribuir sensivelmente para evitar os déficits comerciais do Brasil. Outros indicadores relevantes para o agronegócio no Brasil referem-se à geração de empregos, ao custo para cada emprego gerado e à absorção dos gastos familiares (Araújo, 2003, p.28).

Conforme a Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG (2013), no presente, o Brasil possui uma tecnologia avançada suficiente para produzir cada vez mais sem precisar desmatar. O produtor rural está se tornando mais consciente da sua função perante a sociedade. Galinkin et al. (2009) dizem que no Brasil, as energias renováveis no todo ainda são compreendidas como “alternativas”, concedendo-lhe uma aparência subalterna, para distinguir as demais fontes da ainda dita como a mais nobre das renováveis, a hidrelétrica. O questionamento ambiental se insere em tendência, ocorre que em grandes áreas de vegetação natural são derrubadas para cederem lugar a pastos e plantações (nível mundial). E em países mais carentes a moda é a redução do desmatamento, mesmo com o avanço da demanda pelo agronegócio (globo Ecologia, 2013).

O agronegócio brasileiro exerce um papel necessário na economia do país, pois detém grande participação no Produto Interno Bruto (PIB), produz cerca de 37% de todos os empregos do país, é responsável por aproximadamente 39% das exportações, seu resultado comercial foi de cerca de 79 bilhões de dólares apenas no ano de 2012 (representação de 22,15% do PIB em 2012), cerca de 30% das terras brasileiras são usadas para agropecuária, aproximadamente 61% do território continua coberto por matas originais. O Ministro da Fazenda, Guido Mantega (2013) declarou em uma nota ao Ministério da Fazenda, que a economia do Brasil demonstra bons resultados em 2013 e que o desenvolvimento se deu em todas as propriedades da economia, ficando em destaque a agropecuária, crescendo cerca 3,9% (Ministério da Fazenda, 2013).

Atualmente, o Brasil tem lugar de destaque no agronegócio internacional, indica índices de desenvolvimento agrícola superior à média mundial. Estando como o maior exportador de café, açúcar e suco de laranja do mundo, sendo a segunda colocação do ranking mundial em produtos diversos (Ministério da Agricultura, 2013, Tokarnia, 2013).

O Brasil é visto como um país de parâmetro mundial no agronegócio, da qual atividade é responsável por 25% de seu produto interno bruto (PIB). As visões para os anos seguintes são

elevadas, em que a produção de grãos terá que passar os atuais 232 milhões de toneladas em 2016/2017 para 288 milhões em 2026/27, com ênfase para milho e soja (MAPA, 2017). O ofício agropecuário tem preenchido um cargo central no crescimento do país como fornecedora de mão de obra, excesso comercializáveis, alimentos ou matérias-primas, tanto para o comércio doméstico quanto para a exportação (Buainain & Garcia, 2015; Maranhão & Vieira Filho, 2016).

Do que até então foi exposto, entende-se que o Brasil é tido como autossuficiente em várias produções, tudo por conta dos incentivos em pesquisa, produtividade, processamento, armazenamento, transporte e distribuição. Novas técnicas de manejo do solo estão sendo aplicadas pelos produtores rurais (principalmente no plantio direto), viabilizando a conservação do solo e da água, reduzindo a erosão, minimizando a irradiação de gases de efeito estufa e buscando a redução de custos de produção. Nos dias atuais, vêm surgindo tecnologias inovadoras que possibilitam a variedade de atividades na propriedade rural, a rotação de culturas e a restauração de áreas degradadas.

O agronegócio sustentável pode ser compreendido como um setor competitivo isto, pois, minimiza os impactos ambientais, oferece produtos mais saudáveis, promove redução dos custos energéticos, oferece a pequenos agricultores uma oportunidade no comércio colaborando assim para um desenvolvimento econômico estável e melhoria na qualidade de vida da população.

As empresas rurais, em meio à preocupação com o meio ambiente, buscam alcançar mecanismos que oportunizem a sua individualidade, isto é, que possam se destacar pela gestão e produção pautada no desenvolvimento econômico sustentável a fim de assegurar aos consumidores produtos confiáveis e saudáveis, bem como a conservação ambiental. Para tanto, tornou-se indispensável o conhecimento acerca da agricultura moderna como um modelo de produção que não foi visto como padrão a ser executado devido os seus efeitos causados ao meio ambiente. Diante disso, como visto outrora, surge a agricultura sustentável como um modelo alternativo a moderna que se utiliza de práticas sustentáveis com o objetivo de reduzir os impactos ambientais na medida em que se desenvolve economicamente.

A sustentabilidade empresarial consegue ser reconhecida como a concentração de desempregos econômicos, sociais e ecológicos (Vellani, 2011). O desenvolvimento sustentável tem capacidade de interferir direta e indiretamente no comportamento das empresas, visto que, em todos os países, as empresas estão se esbarrando com problemas não apenas financeiros,

mas sociais e ambientais. Assim, Almeida (2002) garante que, a sustentabilidade no campo organizacional expressa-se em três dimensões comunicáveis entre si: social, econômica e ambiental. Com essa lógica, a gestão sustentável deve ser visualizada não dividida do desenvolvimento econômico, mas como um amplo método de gestão que guia, em um próximo futuro, o benefício competitivo de ser melhor ecologicamente falando (Donaire, 1999). Isto, posto, a empresa que progride uma boa gestão sustentável, é detentora de um diferencial no mercado e busca atingir suas metas e objetivos com responsabilidades sociais.

Desse modo, ao introduzir técnicas sustentáveis nas empresas, é importante analisar a cultura existente, igualmente seus costumes e técnicas, a fim de ser provável adaptar as ações aos parâmetros presente, de forma a auxiliar o entendimento e empenho dos indivíduos. Significando assim, que empresas empregadoras de ações socioambientais são mais competitivas e, nessa perspectiva, é decisivo entender que o êxito de uma organização está profundamente ligado à sua cultura, pela geração de relacionamentos com os meios interno e externo (Meleti, 2012). As empresas que introduzem ações socioambientais necessitam entender o ambiente por inteiro objetivando ter progresso organizacional e eficaz.

Na gestão administrativa, as técnicas de sustentabilidade são bastante comuns no contexto atual, com respeitável crescimento da parte da população que tem cuidado com o meio ambiente. A expansão desse cuidado traz à tona um conjunto novo de consumidores, e é este conjunto que as empresas almejam alcançar, contudo, por ser um conteúdo bastante debatido, o entendimento e a ideia de sustentabilidade vêm compreendendo todos tipos de público, o que é favorável para a sociedade e organização que correm introduzindo essa técnica no meio ambiente em que vivem. Define Dias (2009), que o aperfeiçoamento da utilização dos recursos naturais e energia de resíduos e emissões do meio ambiente são táticas de precaução que criam vantagens para a empresa, como a contenção de custos de produção e uma melhoria na posição frente ao mercado, para além da qualidade do produto pelos que conseguem um desenvolvimento em sua área, obtêm credibilidade e confiança dos seus consumidores.

As técnicas sustentáveis possuem grande relevância rotineira, podendo ser demasiadamente lucrativa nas empresas, crescendo a competitividade entre as mesmas e colaborando com a saúde humana. As empresas têm elementos integrados de grande importância destacando-se a sustentabilidade e a responsabilidade socioambiental. Logo, gera o interesse em entender como as empresas se preocupam com os feitos das suas atividades sustentáveis que são importantes. Contudo, entende-se que a gestão ambiental nas organizações

é de tamanha importância nesse processo de sustentabilidade, com a intenção de avançar táticas com viabilidade e garantia de retorno social, financeiro, ambiental e vantagem competitiva, cuidando dos recursos naturais e preservando a vida em todos os setores. Criar gestão ambiental é um comprometimento com o planeta e uma obrigação com toda a população.

Elkington (2012) elucida que, para se tornar sustentável, não necessita apenas que uma empresa tenha conhecimento de como controlar os seus danos ambientais, é necessário mais. Apesar das organizações buscarem lucro, não se devem ater apenas ao capital financeiro, mas ter em vista a preocupação com os capitais humano, natural e social que abrange as suas empresas e o ambiente em que elas atuam. Gobble (2012) indica a vinculação entre inovação e sustentabilidade. Elevadas mudanças pedem a inserção da sustentabilidade no desenvolvimento ou no incremento de seus processos. Mediante a autora, as práticas sustentáveis conseguem servir como fontes de iluminação para as empresas que almejam se desenvolver, crescer e inovar.

Há possibilidade para as empresas observarem oportunidades na sustentabilidade, e assim, usá-las a seu benefício. A autora cita alguns exemplos de empresas que alteraram seus procedimentos produtivos, seus métodos de fazer negócios e adequaram seus produtos às práticas sustentáveis, como a Nike, a GE e a Dow Corning. Sambiasi, Franklin & Teixeira (2013) esclarecem como a inovação e a sustentabilidade, unidas, podem ser úteis como um elemento de competitividade para as empresas. Para fins exemplificativos os autores apresentam o caso da Duratex, um produtor de painéis de madeira reconstituída e de pisos laminados. A empresa, sentindo a necessidade de alteração para melhorar sua execução, resolveu introduzir a sustentabilidade em seus negócios.

O empreendedorismo sustentável é reconhecido por integrar as características financeiras do empreendedorismo convencional a geração de bens e serviços que segurem o ambiente ecológico e social, ainda que em distintas proporções. Isso acontece com o intuito de criar ações que, de certa maneira, colaborem para o desenvolvimento da população (Hockerts & Wüstenhagen, 2010; Patzelt & Shepherd, 2011). O empreendedorismo sustentável abrange segundo Thompson et al. (2011) simultaneamente: (a) benefícios sociais; (b) organizações economicamente viáveis; (c) redução da degradação ambiental. Nessa visão, o empreendedorismo sustentável é percebido também como fonte de inovação ao padrão que busca quebrar com os procedimentos convencionais de produção, estruturas e modelos de consumo. Tais alterações proporcionam resultados que amenizam o impacto no meio ambiente

e criam vantagens para a sociedade (Gerlach, 2003; Kuckertz & Wagner, 2010; Schaltegger & Wagner, 2011).

Desse modo, ao introduzir técnicas sustentáveis nas empresas, é importante analisar a cultura existente, igualmente seus costumes e técnicas, a fim de ser provável adaptar as ações aos parâmetros presentes, de forma a auxiliar o entendimento e empenho dos indivíduos. Significa assim, que empresas que empregam ações socioambientais são mais competitivas e, nessa perspectiva, é decisivo entender que o êxito de uma organização está profundamente ligado à sua cultura, pela geração de relacionamentos com os meios interno e externo (Meleti, 2012). As empresas que introduzem ações socioambientais necessitam entender o ambiente por inteiro objetivando ter progresso organizacional e eficaz.

Com o objetivo de se tornarem sustentáveis as organizações precisam adaptar seus métodos de produção para a obtenção desta meta. Isso exige que se opte por recursos que provoquem pouco ou nenhum impacto negativo e que disponibilize produtos e serviços que colaborem para um melhor desempenho ambiental para os consumidores e clientes de uma indústria (Coral, 2002). Telles (2016) alega que existem vários motivos para as organizações serem sustentáveis como a diminuição de custos com o uso de energia limpa, inovação, e ainda diminuir custos relacionados à saúde, segurança, mão-de-obra e por fim colaborar com a melhoria na reputação da empresa.

Utilizando-se de uma gestão estratégica bem ordenada, a organização pode encontrar um benefício competitivo sustentável, vez que, se todos os setores estiverem em união e sua função seja desempenhada segundo o planejamento, os concorrentes terão de enfrentar maiores obstáculos para reconhecer e copiar a mesma. Com a relação de todos os setores as empresas possuem um comportamento de eficiência e eficácia, com a intenção de favorecer o seu desenvolvimento sustentável.

As Práticas Sustentáveis têm amplo valor na atualidade, e pode se elevar os lucros nas empresas, progredindo a competitividade entre estas e corroborando com a saúde dos seres vivos. As empresas detêm elementos inseridos de grande importância, sendo eles, a sustentabilidade e a responsabilidade socioambiental. Com isso, despertando o interesse em explorar como as empresas lidam com as atitudes das suas atividades sustentáveis é altamente significativo.

Dito isso, para exemplificar como acontece na prática e assim mostrar que é possível adotá-las nas empresas rurais, a Natura, que foi integrada no ano de 2015 como a empresa mais

sustentável do Brasil, publicado na revista Exame Abril pela divulgação da Corporate Knights – corporação especializada em responsabilidade social e desenvolvimento sustentável. Isso pois, em 2007 estruturou o Programa Carbono Neutro que prevê o acompanhamento permanente das emissões da Natura e da rede de produção. Esse programa foi o seu primeiro compromisso público a fim de reduzir as emissões de gases de efeito estufa (GEE) causadas pelas suas atividades. A primeira meta estabelecida pelo programa foi a redução de 33% das emissões relativas da companhia até 2013, que foi alcançado o dando lugar a uma nova meta, de reduzir outros 33% até 2020. Segundo o Relatório Anual (2018) “ em 2018, os resultados do inventário apontaram uma redução de cerca de 2% das emissões relativas em relação a 2017” (Relatório Anual 2018). No ano de 2000, a linha Ekos foi introduzida pelo uso de insumos vegetais a partir da biodiversidade brasileira, a qual se tornou uma plataforma de inovação para a Natura. Em 2005, foi dado um elevado passo, visto que todos os sabonetes se tornaram vegetais e com isso, de forma gradual, alcançaram-se o manejo de ingredientes vegetais a todo o portfólio no lugar daqueles de origem não renovável. A Natura foi a primeira empresa a lançar produtos cosméticos com refis. A partir do ano de 2010, iniciou a substituição do PE (polietileno convencional) por PE verde (origem de cana-de-açúcar) em suas embalagens e refis.

Ainda sobre o Relatório da Natura (2018), as emissões que não são possíveis de ser evitadas, a empresa executa compensações através de contratação de projetos que geram vantagens socioambientais, a exemplo, “ sociobiodiversidade, reflorestamento, substituição de combustíveis fósseis e eficiência energética, selecionados a partir de chamadas públicas divulgadas pela companhia ” (Relatório Anual, 2018). Ainda sobre o referido Relatório, “ entre 2013 e 2016, a taxa de desmatamento das 126 propriedades participantes correspondeu a 0,93% – menos da metade da taxa média”. (Relatório Anual 2018). Para além disso, algumas práticas adotadas pela empresa e que continuam sendo aplicadas, Relatório Anual Natural (2007):

A implementação de modelos de produção orgânica, sistemas agroflorestais e agricultura sustentável, que contemplem o manejo ecológico de pragas e doenças, a rotação de culturas, a manutenção dos recursos hídricos, o uso de adubação verde e o consórcio de espécies. Para estimular o uso adequado dos recursos da biodiversidade em nossa cadeia de produção e assegurar a rastreabilidade das matérias-primas, mantemos o Programa de Certificação de Matérias-Primas Vegetais, no qual investimos R\$ 111.800,00 em 2007. O Programa adota quatro diferentes modelos de certificação, conforme as

especificidades da região. Para o manejo florestal (recursos florestais não-madeireiros), seguimos os princípios e critérios do Forest Stewardship Council (FSC). Para cultivos agrícolas, adotamos as certificações da Sustainable Agriculture Network (SAN), do Instituto Biodinâmico (IBD) e da Ecocert. (Relatório Anual Natural, 2007).

Por fim, esses são apenas alguns exemplos de práticas sustentáveis inseridas pela Natura com o objetivo de produzir de forma consciente ao meio ambiente e ainda conseguir chegar a uma lucratividade desejada como é o caso do Imposto de renda de 2018 onde a empresa lucrou com o Brasil e a América Latina R\$ 199,6 milhões, cujo 59,6% pertence ao Brasil (Relatório Anual Natural, 2018).

Conclui-se que a Natura, traz fundamentos, práticas de modo a não agravar os problemas ambientais, com gestões e planejamentos sustentáveis, desde sua produção, além de ser uma empresa que cria tanto valor econômico como renda. Nesta perspectiva entende-se que a conscientização de aplicação sustentável nas empresas é de alta relevância para que se desenvolva táticas que assegurem retorno econômico, ambiental e social.

A título de outro exemplo de empresa que se utiliza de práticas sustentáveis é a Faber Castell. Conforme Kramer e Porter (2011), um dos meios de geração de valor compartilhado é introduzir no mercado produtos que sejam vantajosos aos consumidores e ao ambiente, e ainda utilizar energia limpa, manejo consciente de recursos, prática de reciclagem, reutilização de recursos naturais e matéria prima ajudando na redução de custos relacionados aos operacionais, trazendo vantagens ambientais e sociais. Essas formas são usadas no processo produtivo da empresa em questão, cuja madeira é aproveitada a fim de evitar desperdícios de matéria prima. Os resíduos, galhos, folhas e casca, são devolvidos ao solo para a decomposição de forma natural para que se devolva os nutrientes a terra. Para a geração de energia e para a produção de chapas usa-se a serragem e as cinzas desse processo são reaproveitadas para as indústrias de cimento.

A Faber Castell possui a certificação ISO 14001, que trata de uma norma específica para os requisitos do sistema de Gestão Ambiental (SGA), que depende do comprometimento de todos os níveis da organização (Braga, 2005). A empresa possui a marca oficial da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Ecolápis, que faz o manejo de sua madeira de forma ecológica e viável economicamente falando. Além de que, sua tecnologia à base de água, é pioneira em revestimento de lápis com tinta, pois nenhum vapor nocivo é

liberado no ar durante o procedimento. O Ecolápis é o mais importante método sustentável desenvolvido pela empresa, seus benefícios são, para que se produza uma tonelada de lápis de madeira reflorestada e certificada (Ecolápis) são necessários 100kw/h, em contrapartida para a produção de lápis de resina (que não se utiliza de madeira) é necessário em média de 1000 kw/h, ou seja, 10 vezes maior. Sem mencionar que sua decomposição ocorre em 13 anos, e a de resina em apenas 50 anos (Kramer & Porter, 2011).

Conforme as explanações apresentadas, conservar o meio ambiente e assegurar um desenvolvimento é a finalidade de todas as condutas que asseguram a sustentabilidade ambiental, com isso, chega-se à conclusão que por mais que existam dificuldades em adotar práticas sustentáveis pelas empresas, quando são introduzidas e executadas de forma correta como nos casos da Natura e da Faber Castell, elas conseguem uma vantagem competitiva, em razão de que estas levam à empresa uma imagem aceitável pela sociedade, extinguindo desperdícios da sua matéria prima em seus procedimentos, conseguindo assim, um maior lucro no capital e dessa forma, a empresa não perde incentivos para o futuro que possa acarretar em um progresso social econômico e ambiental. Isto é, possibilita que a empresa adquira lucro conseguindo investir no capital social, promovendo curso, planejamentos de carreira e de salários para seus colaboradores, bem como promover projetos educacionais e vantagens para a população em que estão inseridas (Nascimento, Caetano, & Gimenez, 2010).

Os casos acima destacados descrevem como podem se tornar empresas sustentáveis e economicamente viáveis. Dessa maneira, a aplicabilidade da sustentabilidade nas empresas rurais pode ser vislumbrada com a utilização de algumas dessas práticas, justamente por se tratar de uma categoria um pouco distante das mencionadas, não há como aplicar as mesmas práticas com exatidão. Contudo, tratá-las como sendo semelhantes é possível devido a Natura, por exemplo, utilizar-se de agricultura sustentável, que como foi exposto no capítulo anterior, trata-se de um método sustentável, pautado em rotação de culturas, manejo ecológico, manutenção de recursos hídricos e o manuseio de adubação verde.

#### **4. Considerações finais**

A pesquisa teve como objeto discorrer a partir da análise dos efeitos da modernização agrícola e a necessidade de aplicação da agricultura sustentável nas empresas rurais como meio de desenvolvimento econômico sustentável, tendo sido um dos objetivos de estudo avaliar o cenário de consequências negativas trazidas pelo processo de modernização da agricultura,

onde se visualizou a necessidade de alterar esse modelo que buscava essencialmente o aumento da produtividade com o manejo de ‘pacotes tecnológicos’.

Com isso, investigou-se através da aplicação da sustentabilidade um meio de substituir o referido modelo causador de impactos negativos ao meio ambiente, elucidando os benefícios ambientais e econômicos trazidos a agricultura e as empresas que utilizam como base práticas sustentáveis em seus processos.

É sabido pois, que a preocupação com o meio ambiente vem crescendo de forma gradual, visto que há recursos esgotáveis que são utilizados de maneira irresponsável e exagerada. A busca pelo aumento da produtividade e geração de renda era pautada na visão apenas lucrativa, ou seja, almejavam-se somente resultados financeiros tanto pela agricultura como pelas empresas. Diante da preocupação com o meio ambiente, pesquisadores, cientistas e estudiosos buscaram alternativas de modificar tal situação, encontrando como solução a sustentabilidade. Como explanado durante o trabalho, a sustentabilidade vai além de reduzir impactos ambientais, pois esta viabiliza procedimentos que façam quem a utilize gerar lucro preservando o ambiente.

Ao tratar de empreendedorismo sustentável, foi observado que as empresas que introduziram práticas sustentáveis em seus métodos e produtos, como a Nike, Duralex, entre outras citadas, são vistas com alto grau de competitividade no comércio, isso quer dizer que, utilizando-se destes mecanismos sustentáveis é possível reduzir custos e crescer os lucros, tendo em vista que empresas que adotam como base a sustentabilidade unem as três dimensões social, ambiental e econômica.

Observou-se que em meio a um ambiente de competição no mercado empresarial, é possível que as empresas rurais adotem por analogia as práticas sustentáveis aplicadas pelas empresas Natura e Faber Castell, a fim de tornarem empresas mais atraentes na percepção dos consumidores e, inclusive, o meio ambiente, seja beneficiado com tal aplicabilidade findando na conservação destes para que possam estar disponíveis para o uso na referida empresa. Sendo assim, com a inserção da sustentabilidade, conseguirá atingir o desenvolvimento econômico, respeitando os limites do meio ambiente, a fim de preservá-lo para que possa dispor dele futuramente.

## Referências

- Almeida, F. (2002). O bom negócio da sustentabilidade. São Paulo: Nova Fronteira.
- Altieri, M.; Toledo, V. (2011). The agroecological revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants. *The Journal of Peasant Studies*, 38(3), 587-612.
- Aubert, C. L. (1981). “Palestra” in: *Anais do Primeiro Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa, Curitiba, Paraná*, 161-178.
- Braga, B. (2005). *Introdução à Engenharia Ambiental: O desafio do Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo. Ed. Pearson.
- Bockman, O. C. et al. (1990). *Agriculture et Fertilisation*. Oslo. Ed. Norsh Hydro.
- Bonilla, J. A. (1992). *Fundamentos da agricultura ecológica: sobrevivência e qualidade de vida*. São Paulo. Nobel.
- Buainain, A. M.; Garcia, J. R. (2015). Evolução recente do agronegócio no Cerrado Nordeste. *Estudos Sociedade e Agricultura (UFRRJ)*, 23, 166-195.
- Caporal, F. R. (2009). *Em defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica: Compromisso com as Atuais e nosso Legado para as Gerações Futuras*. Brasília. MDA/SAF.
- Coral, E. (2002). Modelo de planejamento estratégico para a sustentabilidade empresarial. *Tese (Doutorado em Engenharia da Produção)* - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2002.
- De Silguy, C. (1991) - *L'agriculture biologique - Que Sais-je?* - PUF, Paris.
- Dias, R. (2009). *Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade*. São Paulo. Atlas.
- Donaire, D. (1999). *Gestão Ambiental na Empresa*. São Paulo. Atlas.

Ehlers, E. M. (1994). O que se entende por agricultura sustentável? Dissertação de Mestrado em Ciência Ambiental. Ciência Ambiental. USP. São Paulo.

Elkington, J. (2012). *Sustentabilidade. Canibais com Garfo e Faca*. São Paulo. M. Books do Brasil Editora Ltda.

Flores, J. G. (1991). Aproximación interpretativa al contenido de la información textual. In:

Flores, J. G. *Analisis de datos cualitativos - aplicaciones a la investigación educativa*. Barcelona. PPU.

Galinkin, M.; Bley, C. (2009). Agroenergia da biomassa residual: perspectivas energéticas, socioeconômicas e ambientais. Foz do guaçu/Brasília. Itaipu Binacional, Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação.

Gasquez, J. G. (2013). *Brasil desempenha papel de destaque no agronegócio mundial*. Globo Ecologia. Acesso em 02 de outubro, em <http://redeglobo.globo.com/globoecologia/noticia/2013/06/brasil-desempenha-papel-de-destaque-no-agronegocio-mundial.html>.

Gerlach, A. (2003). Sustainable entrepreneurship and innovation, Centre for Sustainability Management, University of Lueneburg. *Proceedings of the Conference Corporate Social Responsibility and Environmental Management*. Leeds, UK.

Gobble, M. M. (2012). Innovation and sustainability. *Research Technology Management*, 55(5), 6.

Hockerts, K.; Wüstenhagen, R. (2010). Golias esverdeados versus dauids emergentes - teorizando sobre o papel dos titulares e novos entrantes no empreendedorismo sustentável. *Journal of Business Venturing*, 25(5), 481-492.

Koepf, H. H.; Petterson, B. D.; Schaumann, W. (1983). *Agricultura biodinâmica*. São Paulo. Nobel.

Kramer, M. R.; Porter, M. E. (2011). A grande idéia: criando valor compartilhado. *Harvard Business Review*, 89(1), 1-2.

Kuckertz, A.; Wagner, M. (2010). A influência da orientação sobre sustentabilidade nas intenções empresariais - investigando o papel da experiência nos negócios. *Journal of Business Venturing*, 25(5), 524-539.

Mapa. (2016). Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. Brasil – Projeções do Agronegócio 2015/2016 a 2025/2026. Brasília. MAPA.

Maranhão, R. L. A.; Vieira Filho, J. E. R. (2016). *A dinâmica do crescimento das exportações do agronegócio brasileiro*. Brasília. Ipea.

Meleti, M. V.; Fadel, B.; Smith, M. (2012). Perspectiva sistêmica da sustentabilidade nas organizações sob a ótica da cultura organizacional e sua repercussão no desenvolvimento regional. *Revista Gestão & Conhecimento*.

Ministério da Agricultura. (2013). *Setores da Economia*. Agronegócio. Acesso em 03 de abril em <http://www.brasil.gov.br/sobre/economia/setores-da-economia/agronegocio>.

Ministério da Fazenda. (2013). *País tem crescimento em todas as modalidades da economia*. Acesso em 02 de outubro em: <http://www.fazenda.gov.br/noticias/2013/agosto/201cpais-tem-crescimento-em-todas-as-modalidades-da-economia201d-diz-mantega>.

Miyasaka, S. (1993). *Agricultura natural: um caminho para a sustentabilidade*. São Paulo. Associação Mokiti Okada.

Nascimento, R. M.; Caetano, R.; Gimenez, H. C. (2010). Sustentabilidade como estratégia para o sucesso empresarial: Um caso aplicado pela Faber Castell. *Especiais, meio ambiente e ecologia, sustentabilidade*. UNIP.

Patzelt, H.; Shepherd, D. A. (2011). Reconhecendo oportunidades para o desenvolvimento sustentável. *Teoria e Prática do Empreendedorismo*, 35(4), 631-652.

Relatório anual natura. (2007). Acesso em 02 de outubro em  
<https://natu.infoinvest.com.br/ptb/3893/ReltorioAnual2007.pdf>.

Relatório anual natura. (2017). Acesso em 02 de outubro em  
<https://natu.infoinvest.com.br/ptb/6628/Natura-RA-GRI-2017.pdf>.

Relatório anual natura. (2018). Acesso em 02 de outubro em  
[https://natu.infoinvest.com.br/ptb/7117/Relatorio\\_Anual\\_Natura\\_2018.pdf](https://natu.infoinvest.com.br/ptb/7117/Relatorio_Anual_Natura_2018.pdf).

Sambiase, M. F., Franklin, M. A., & Teixeira, J. A. (2013). Inovação para o desenvolvimento sustentável como fator de competitividade para as organizações: um estudo de caso Duratex. *Innovation and Management Review*, 10(2), 144-168.

Schaltegger, S.; Wagner, M. (2011). Empreendedorismo sustentável e inovação em sustentabilidade: categorias e interações. *Estratégia de Negócios e Meio Ambiente*, 20(4), 222-237.

Soares, A. M. D, Braga, A. M. (1997). Formação profissional e demandas sociais. *Educação Agrícola*, (165), 5-8.

Telles, C. R. (2016). Análise de proporção entre o número de publicações, diagramação e os valores praticados por veículos de comunicação impressos: possibilidades de redução de despesas. Curitiba. SEEDPR.

Thompson, N., Kiefer, K., & York, J. G.(2011). Distinctions not dichotomies: exploring social, sustainable, and environmental entrepreneurship. In: LUMPKIN, G. T.; KATZ, J. A. (Eds.), *Social and sustainable entrepreneurship - advances in entrepreneurship, firm emergence and growth*, 13, 201-229.

Tokarnia, C. H.; Canella, C. F. C.; Dobereiner, J. (1961). Intoxicação por um “tingui” (Mascagnia rígida Griseb) em bovinos no Nordeste do Brasil. *Instituto de Biologia Animal*, (4), 203-215.

Vellani, C. L. (2011). *Contabilidade e Responsabilidade Social: Integrando Desempenho Econômico, Social e Ecológico*. São Paulo. Atlas.

**Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Thâmara Gomes Passos Rocha Melo – 50%

Osires de Medeiros Melo Neto – 15%

Gustavo Correia Basto da Silva – 15%

Marana Sotero de Sousa – 20%